

A EDUCOMUNICAÇÃO NO CONTEXTO PARAIBANO: Estudo de Caso nas Cidades de Campina Grande e Gado Bravo¹

Antônio Carlos Ferreira de Aquino

Graduado em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, pela UEPB.
e-mail: acfaquino@hotmail.com

RESUMO

Propomos uma reflexão sobre a aplicação do jornal impresso como recurso pedagógico educ comunicativo na construção do senso crítico acerca dos meios de comunicação. Exploramos os conceitos e a inter-relação entre comunicação e educação, bem como quem é e qual o papel do educ comunicador. Contextualizamos este estudo com o acompanhamento das atividades pedagógicas realizadas por duas professoras de língua portuguesa do ensino médio de duas escolas públicas no agreste paraibano, como também o discurso dos alunos e demais profissionais da educação. Observamos a aplicação dos conceitos de educação para a mídia pelas professoras, atitudes inerentes a educ comunicadoras.

Palavras-chave: Comunicação. Educação. Educ comunicação. Educ comunicador.

ABSTRACT

We propose a reflection on the application of printed newspaper as a pedagogical resource educ communicative in the construction of the critical sense on means of communication. We explore the conceptions and the inter-relationship between communication and education, and also who is the educ communicator and what role it plays. We contextualize this study with the accompaniment of the pedagogical activities done by two high school Portuguese Language teachers in two public schools in the country side of Paraiba, and also the students' speech and other education professionals. We observed the application of conceptions of education for media by the teachers, inherent to educ communicators.

Keywords: Communication. Education. Educ communication. Educ communicator.

INTRODUÇÃO

Na sociedade da informação em que hoje vivemos, somos constantemente bombardeados por uma elevada carga de informações transmitidas pelo rádio, televisão, jornais, Internet, outdoors, panfletos, enfim, das mais diversas e incontáveis formas, que concorrem para assegurar nossa atenção e a nos seduzir. Como filtrar o que pode ser útil para a formação do nosso conhecimento e desenvolvimento como pessoa e cidadão? Entra a escola nesse contexto complexo, por ser um espaço fecundo e propício para discussões que possam trazer luz ao caminho para a compreensão e tomada de consciência quanto ao nosso papel dentro deste universo comunicacional.

O nosso objetivo com o presente trabalho é analisar como a utilização das mídias em sala de aula, em nosso caso específico o jornal impresso, tem contribuído para a formação de sujeitos mais críticos acerca da influência das mídias em seu cotidiano.

Para estudarmos a utilização do jornal impresso como ferramenta educ comunicativa observamos procedimentos pedagógicos em duas unidades de ensino, *Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Pe. Godofredo Joosten*, no município de Gado Bravo - PB, e *Centro de Educação Integral à Criança e ao Adolescente, CAIC José Joffily*, em Campina Grande - PB, ambas na mesorregião do agreste paraibano.

¹ Artigo relacionado a monografia apresentada como requisito de conclusão da Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, 2008, intitulada A utilização do jornal impresso como recurso educ comunicativo nas escolas públicas no agreste da Paraíba.

Na primeira parte deste artigo apresentamos os elementos conceituais relativos a educomunicação e logo em seguida, contextualizamos o nosso estudo através de pesquisa que realizamos com professores e alunos nas escolas acima mencionadas.

1 EDUCOMUNICAÇÃO: Elementos Conceituais

Conforme lembra Adair (1995, apud GAIA, 2001) a introdução do jornal na sala de aula é uma prática mais antiga do que podemos imaginar. Segundo a autora, na Espanha, em fins do século XIX, já se discutia a possibilidade de introduzir o jornal na escola, ao invés simplesmente da leitura de Cervantes. A autora afirma que há registros de que por volta da segunda década do século XX, naquele país, a leitura de *Dom Quixote* era obrigatória, levantando uma séria discussão sobre os prós e os contras do uso do jornal como mais alternativa pedagógica.

No Brasil, segundo GAIA (2001), um dos primeiros teóricos brasileiros a registrar preocupação com a leitura de jornal enquanto estímulo à cidadania foi Marques de Melo (1981), no início da década de 80. O artigo de Melo, intitulado *Presença do Jornal na escola: iniciação ao exercício da cidadania*, serviu de base argumentativa para outros estudiosos, como a professora Maria Alice Faria, autora dos livros *O jornal na sala de aula* e *Como usar o jornal na sala de aula*, ambos produzidos na segunda metade dos anos 90.

A partir de pesquisas realizadas no final dos anos 90 junto a especialistas da América Latina, países ibéricos e Estados Unidos, o conceito de Educomunicação tem sido usado pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - NCE-ECA/USP, como sendo um conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação dos processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais e virtuais.

Nesse contexto, o professor SOARES² (2002, apud AZEVEDO, 2005, p. 71) acrescenta como “exemplos desses espaços escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádios educativos, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros coordenadores de educação ou e-learning, entre outros”.

Outras terminologias são usadas para identificar a Educomunicação, é o caso de **Educação para a Comunicação** ou **Educação para a Mídia**, todos estes termos identificam as ações de cunho pedagógico que têm como objetivo oferecer maneiras de o indivíduo decodificar e avaliar criticamente a produção midiática. Dessa forma, “Não se trata do uso didático de conteúdos veiculados pelos diferentes meios, mas sim do processo de análise e/ou de produção de materiais de comunicação como instrumentos de ensino e de formação de cidadãos.” (VIVARTA, 2004, p. 257).

2 INTER-RELAÇÃO ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

A inter-relação entre educação-comunicação não é recente. Há tempos os teóricos e profissionais de ambos os campos de conhecimento têm discutido com o objetivo de tratar da interacionalidade dessas duas áreas. Para Azevêdo (2005, p. 67), “nenhum assunto ou questão observada na sociedade pode-se dizer inteiramente

² O professor Ismar de Oliveira, coordenador e pesquisador de Estudos de Comunicação e Educação da ECA/USP, é um dos formuladores da teoria da Educomunicação.

alheia à questão educacional, pois tudo pode ser objeto de ensino-aprendizagem, e a cada invenção tecnológica a sociedade atribui aos processos comunicacionais uma expectativa educacional”.

A integração da comunicação e educação, através da reflexão sobre textos jornalísticos em sala de aula, contribui para despertar o papel social que cada aluno tem em sua sociedade. Conforme Citelli (2000), os conceitos de educação e comunicação passam a ser vistos como sequência de um processo cada vez mais inter-relacionado. Nessa perspectiva Freire complementa que:

a incorporação às atividades escolares dos conteúdos e vivências veiculados pelos meios de comunicação de massa equivale, a nível de motivação, a trabalhar com dados extraídos do próprio cotidiano dos alunos, é trazer para a sua vivência escolar as realidades vividas em sua comunidade (1984, p. 103)

Não podemos de forma alguma desconsiderar a complexidade e delicadeza de se trabalhar o inter-relacionamento entre escola e mídia, tendo em vista diversos aspectos peculiares a cada uma delas na transmissão de cultura e da formação de sujeitos individuais e sociais a cada uma delas como mostra Vivarta:

- A escola é voltada para o passado (o patrimônio cultural); os veículos só se interessam por temas que pertencem à atualidade.
- A escola repousa sobre a lógica da razão; os veículos, sobre a surpresa do acontecimento, o impacto e o emocional.
- A escola ignora/ignorava a lógica econômica; os veículos só funcionam segundo ela;
- A escola se constrói na durabilidade; os veículos na efemeridade.
- A escola procura formar cidadãos; os veículos consumidores;
- Na escola, o saber é construído segundo uma progressão definida, que se desenvolve no tempo; já com os meios de comunicação é privilegiado o aqui e o agora, o rápido e o efêmero (VIVARTA, 2004, p.267).

Dessa forma, manter a criança e o adolescente longe do jornal é mantê-los fora do mundo. Esse instrumento deve ser utilizado não só como mais um meio de alfabetização e letramento, mas também como um aliado no processo da formação do indivíduo enquanto sujeito crítico e a par do meio em que estar inserido.

3 EDUCOMUNICAÇÃO E SUAS PRINCIPAIS VERTENTES

Da Educomunicação podemos identificar as duas principais vertentes:

Apropriação dos Meios – Consiste em promover uma educação crítica para a mídia por meio da produção de conteúdo. Geralmente é desenvolvida a partir da utilização de conhecimentos técnicos e teóricos que resultam em atividades como produção de jornais, vídeos, programas de rádio, internet etc.

Leitura Crítica da Mídia – Consiste no processo de “desconstrução” do material midiático, segundo estudo aprofundado da forma como diversos elementos (linguagem, conteúdo, edição, fontes de informação e outros) são utilizados na sua elaboração, difere-se da apropriação dos meios por seu foco basicamente analítico, não fazendo uso de instrumentos de produção midiática. É frequente o uso do termo *Media Literacy*, que literalmente significa “alfabetização para a mídia”, para práticas similares a essas descritas.

Para MACHADO e ALVES (1904), o novo campo apresenta-se como inter-discursivo, inter-disciplinar e mediado pelas tecnologias da informação, apresentando áreas específicas de atuação, a saber: “expressão

comunicativa; educação para a comunicação; mediação tecnológica nos espaços educativos; gestão da comunicação nos espaços educativos; reflexão epistemológica”.

4 O EDUCOMUNICADOR: um novo perfil profissional para os desafios atuais

Uma pesquisa desenvolvida pelo NCE - Núcleo de Comunicação e Educação da ECA - Escola de Comunicações e Artes /USP, com a coordenação do professor Ismar de Oliveira Soares³, ao lado de um grupo de 178 especialistas de 12 países da América Latina, entre 1997 e 1998, apontou para a existência de uma nova figura profissional a que denominamos de Educomunicador. Quando os entrevistados foram perguntados sobre como definiriam o trabalho do Educomunicador, a maioria segundo o estudo acima, o viu como “um "professor" em sala de aula, quer desenvolvendo trabalhos de "análise crítica dos meios", quer desenvolvendo "projetos tecnológicos na educação". Isto é, um professor vinculado a uma das subáreas constitutivas do novo campo”.

Nesse contexto é relevante questionar sobre a postura do professor que tem agora uma missão, não jornalística que deve fazer parte do ambiente escolar. Assim, observa-se que: “[...] para preencher lacunas e modernizar a leitura crítica dos meios [...] um novo mediador cultural: o educador [...]” (VIVARTA, 2004, p. 261)

Para a pesquisadora Jacquinet⁴ (apud VIVARTA, 2004), as principais características do educador, são: **a)** tem consciência de que uma educação de massa e multicultural vai além da simples aquisição de conhecimentos escolares; **b)** percebe que a riqueza dos meios não está apenas no conteúdo informativo, mas também na maneira como eles fornecem uma representação do mundo; **c)** sabe que a introdução dos meios como objeto de estudo não tem por finalidade formar um jornalista ou apresentador, mas sim ensinar seus alunos a analisar seja os diversos pontos de vista (econômico, ético e político), seja as montagens do discurso e da cena que constroem as mensagens; **d)** aceita um novo referencial para a relação educador-educando. Os novos alunos podem ensinar o professor assim como ensinam uns aos outros; **e)** está convencido que a emissão não é um ato passivo. Mobiliza micro-saberes acumulados que o professor pode ajudar a relacionar dando-lhes sentido.

5 A EDUCOMUNICAÇÃO NO MUNDO E OS DESAFIOS POLÍTICOS NO BRASIL

O conceito de Educomunicação não é exclusividade para o Brasil nem muito menos nasce aqui em nosso país. A experiência da Grã-Bretanha em Educação para a Mídia é considerada a mais avançada da Europa. Outros países, como os nórdicos, também foram os primeiros a adotarem a Educomunicação no sistema oficial de ensino. Na Finlândia, no ensino fundamental, desde 1970 e no Médio, desde 1977. Na Suécia, desde 1980 e, na Noruega, em 1974. Já na Dinamarca, segundo dados em VIVARTA (2004), a Educomunicação se fortaleceu a partir da década de 1980. Outros países europeus, como Suíça, Alemanha e Itália, também incorporaram a Educação para a Mídia no currículo oficial de ensino.

³ SOARES, Ismar de Oliveira. O Perfil do educador. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/>> Acesso em abril de 2008.

⁴ A professora francesa Geneviève Jacquinet é responsável por um trabalho de reflexão sobre as mutações em processos tanto no campo da comunicação quanto no da educação, apresentado durante o Congresso Internacional de Comunicação e Educação promovido pelo ECA/USP em 1998.

A experiência do Canadá levou à sistematização de oito princípios⁵ orientadores da Educação para a Mídia, que podem ser aplicados em experiências de outros países: 1) Todos os tipos de mídia são construções; 2) A mídia constrói a realidade; 3) O público negocia significados na mídia; 4) A mídia tem implicações comerciais; 5) A mídia contém mensagens ideológicas de valor; 6) A mídia tem implicações políticas e sociais; 7) Forma e conteúdo estão intimamente relacionados na mídia e, 8) Cada tipo de mídia tem formas e estéticas peculiares.

Apesar de as políticas públicas educacionais propostas pelo Ministério da Educação (MEC) para o Ensino Fundamental, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, (1998), indicarem que é importante aprender a conhecer e entendermos que o trabalho com uso de mídia na sala de aula pode ser uma possibilidade de levar o aluno a ter acesso aos conhecimentos genéricos que podem ser, em alguns casos, aprofundados, o Brasil não tem uma política oficial de Educação para a Mídia. Assim:

[...] Em Brasília, o tema da Educomunicação tem despertado pouco interesse dos parlamentares. Uma das únicas propostas apresentadas no Congresso foi um projeto de lei de 1999, de autoria do ex-senador Geraldo Cândido (PT-RJ), instituindo a Introdução à Comunicação de Massa no currículo das escolas. O projeto foi arquivado no ano seguinte (VIVARTA, 2004, p.280).

Em outros países, segundo o professor Ismar de Oliveira Soares, já citado acima, a leitura e a recepção crítica dos meios têm sido entendidas como condição prévia para a leitura de mundo e a preparação para a defesa da democracia, a livre expressão do pensamento e o exercício da cidadania.

6 EDUCOMUNICAÇÃO E CIDADANIA

Gaia (2002) afirma que a leitura crítica da comunicação pode contribuir na formação de cidadãos participativos. Não podemos esquecer o fato de o consumo de notícias está ainda diretamente ligado ao poder aquisitivo, surgindo a partir disso a importância da prática da leitura de jornais em sala de aula, particularmente nas escolas públicas, uma vez que: “[...] ‘ler uma notícia ou matéria de jornal é também poder olhar um pouco para si mesmo’ e, portanto, tornar-se mais consciente do seu papel no mundo” (PONTUAL, 1999 apud GAIA, 2001). Nesse sentido, Gaia (2001, p. 2) complementa ainda que:

Ao observar o texto jornalístico a partir de uma análise contextual, é possível refletir sobre a tênue fragilidade do que seja ou não a verdade impressa em jornais. Os anunciantes, por exemplo, criam vínculos com os jornais que podem comprometer a *neutralidade* das empresas jornalísticas. É o caso de matérias nas quais se omitem nomes ou dados relevantes para a notícia.

Os jovens chegam à sala de aula impregnados de cultura midiática, muitas vezes percebida de forma errônea, mas o fato é ignorado pela escola tradicional, para a qual existe apenas uma cultura e um saber, aqueles promovidos pela educação formal. Direta ou indiretamente contribuem na sua formação como pessoa e como cidadão.

Queiramos ou não, os alunos hoje aprendem coisas dos meios, mesmo que seja de uma forma que escapa ao pedagogo e aos pais. Em segundo lugar, porque a escola e os meios têm pontos em comum. O que se aprende em sala de aula pode ajudar a compreender os meios e vice-versa. Enfim, porque os modos de apropriação do saber mudaram e mudarão ainda mais na sociedade que desenvolver as indústrias do conhecimento (VIVARTA, 2004, p. 268).

⁵ Fonte: Media Literacy Resource Guide. Ministry of Education, Canadá, 1989 (a relação com os princípios está disponível no site do Media Awareness Network – www.media-awareness.ca) apud VIVARTA, 2004, p. 270

O jornal possui diversas características que podem trazer uma análise individual sobre foto, texto, diagramação, formas, propagandas etc, que contribuirão para o aluno refletir sobre as intenções aplicadas quando da sua montagem e exercitar socialmente as “múltiplas inteligências”⁶. Nesse contexto, observa-se que:

As consequências da Teoria das Múltiplas Inteligências, para a educação, são bastante ricas e revolucionárias, como se pode imaginar. A educação, baseada no modelo de Gardner, deveria direcionar-se a uma gama de habilidades intelectuais, de maneira individualizada, respeitando assim as diferentes combinações de inteligência em cada ser humano [...] (MATTAR NETO, 2003, p. 42).

7 EDUCOMUNICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE SENSO CRÍTICO

Gostaríamos de definir senso crítico que falamos tanto nesse trabalho. Conforme Carraher (1993 apud MATTAR NETO, 2003, p. 36), “[...], a pessoa dotada de senso crítico é aquela que possui a capacidade de analisar e discutir problemas de forma inteligente e racionalmente, sem aceitar, automaticamente, suas próprias opiniões ou opiniões alheias.” Portanto, o senso crítico seria uma capacidade de analisar e discutir problemas de forma interativa, deixando a passividade de mero receptor de informações.

Observamos que o senso crítico envolveria, ainda, o fato de não aceitarmos, de maneira automática, as opiniões alheias, o que exige uma postura receptiva crítica, estimulando o questionamento de afirmações de terceiros, mas também, e inclusive, a sua própria opinião. “[...] O indivíduo dotado de senso crítico caracterizar-se-ia, portanto, como um espírito continuamente indagador, convencido de que é sempre possível dar um passo para trás, recuar para questionar os fundamentos, a veracidade e a logicidade das informações com que lidamos.” (MATTAR NETO, 2003, p. 36)

O educador, portanto, poderá encaminhar aos seus alunos, não uma compreensão dos meios de comunicação como vilões, mas instigá-los a entender que “[...] o fato de a imprensa beneficiar a sociedade, oferecendo boas proporções de evidências, não a exime da cumplicidade com que deixou conscientemente de apurar numerosos acontecimentos que prejudicaram as nações pobres e seus povos explorados.” (SOARES, 1989, p. 34)

Diante do exposto, estudar os meios de comunicação na escola, mais do que analisar textos, é um exercício para ampliar a visão de mundo que os alunos têm. É colocar, tanto aquele aluno lá do mais remoto vilarejo quanto ao que mora nos grandes centros, à frente do seu tempo, em dia com os avanços e desafios da sociedade que está inserido.

Sérgio Guimarães apud FREIRE (1984, p. 10-11), chama esse conjunto de meios de comunicação de escola paralela⁷. E não conseguimos entender diferente, pois ao analisarmos o quanto estamos expostos aos meios, poderemos perceber que mais do que a escola, os meios estão presentes constantemente em nossas vidas.

⁶ “[...] Segundo o dr. Gardner, podem ser identificadas no ser humano pelo menos sete tipos distintos de inteligência, ou de formas como o ser humano resolve problemas ou elabora produtos, num determinado ambiente ou comunidade cultural. As sete inteligências seriam: musical, corporal-cinestésica, lógico-matemática, linguística, espacial, interpessoal e intrapessoal.” (MATTAR NETO, 2003, p. 42).

⁷ “A expressão ‘escola paralela’ aparece pela primeira vez, com grande repercussão, numa série de artigos assinados pelo sociólogo Georges Friedmann, publicados em janeiro de 1966 pelo *Le Monde*. (Louis Porcher, *L’école parallèle*. Paris, Larousse, 1984; e *vers la dictature des média*. Paris, Hatier, 1976). Em 1974, o sociólogo e professor francês Louis Porcher publicava sua primeira edição de *L’école parallèle*, em cuja introdução definia: ‘A escola paralela é constituída pelo conjunto de circuitos graças aos quais chegam aos alunos (bem como aos demais), de fora da escola, informações, conhecimentos, uma certa formação cultural, nos mais variados domínios.’ E ainda: ‘Seus instrumentos

8 A EDUCOMUNICAÇÃO EM ESCOLAS PARAIBANAS

Para sistematizar o nosso trabalho realizamos a nossa pesquisa de campo em duas escolas públicas do estado da Paraíba, uma municipal e outra estadual. A primeira, Escola Municipal Pe. Godofredo Joosten, está situada no município de Gado Bravo, a 191 km da capital do estado, e a segunda, Centro de Educação Integral à Criança e ao Adolescente, CAIC José Joffily, na cidade de Campina Grande, está localizada a 118,9 km da capital paraibana, ambas pertencem a mesorregião do Agreste Paraibano, na microrregião de Campina Grande. A pesquisa foi realizada entre os meses de abril e maio de 2008.

Analisando os comentários de professores e alunos, bem como as atividades realizadas em sala de aula, avaliamos os processos para entendermos se, de fato, acontece interação entre comunicação e educação dentro do novo conceito de uma educação inclusiva, crítica e participativa a partir do uso de mídias em sala de aula.

8.1 Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Pe. Godofredo Joosten

A Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Pe. Godofredo Joosten está situada na rua José Mariano Barbosa, 559, Centro, município de Gado Bravo. Divide-se em duas partes: a sede, onde funciona o ensino básico, e o anexo, onde funciona o ensino Médio, com um total de 14 salas de aula. A escola recebe anualmente uma verba de 11 mil reais para adquirir material de expediente, limpeza e material didático. Os alunos do ensino básico têm acesso à merenda escolar, regularmente.

Na sede estão instaladas 05 (cinco) salas de aula, onde funcionam as séries de 5ª a 8ª, com um total de 1.038 alunos. Os alunos têm atendimento de Assistente Social, Psicólogo, Nutricionista e da Coordenação Pedagógica.

No anexo, com 09 (nove) salas de aula, funciona o Ensino Médio, com um número de 415 alunos, divididos em: 03 turmas do 1º ano; 03 turmas do 2º e, mais três, do 3º ano médio. Possui 02 banheiros, (01 interditado), 09 salas de aula, 01 sala da coordenação e 01 biblioteca. Tem água encanada, 02 cisternas e 01 caixa d'água. Não possui bebedouro. Os alunos bebem água em filtros de barro. Conta ainda com 01 (uma) televisão e 01 (um) aparelho de DVD, servindo às turmas quando os professores necessitam.

A nossa pesquisa foi feita no anexo que, segundo a coordenação administrativa, funciona provisoriamente em outro prédio, pois a escola não comporta todos os alunos, funcionando nele o Ensino Médio. Este anexo começou a funcionar com 05 salas, e hoje são 09. Nele trabalham 20 funcionários, 15 professores e 05 outros servidores. A maioria dos professores é de Campina Grande e da vizinha cidade de Aroeiras.

No Ensino Médio foi instalada uma biblioteca que serve aos alunos que farão vestibular e também para os demais que precisam fazer consultas. Os alunos recebem livros didáticos das disciplinas de Português, Matemática, Biologia, Química e História. Fornece também aos alunos papel, caderno e outros tipos de materiais para realizar algum trabalho.

são os da comunicação de massa, ou seja, os *mass media*: é preciso citar, essencialmente, a imprensa, as histórias em quadrinhos, o rádio, o cinema e, sobretudo, a televisão”. “Esses novos canais de educação, que os professores não controlam, são frequentados massivamente pelos alunos. Qualquer que seja a opinião que se formule em face deles, não se pode negligenciar o problema pedagógico e sociológico que eles colocam. Trata-se de saber se a escola e a escola paralela vão se ignorar, comportar-se como adversárias, ou se aliar. Todos esses casos concernem muito de perto aos professores’.”

8.2 Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente – Caic José Joffily

O Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente – CAIC José Joffily está localizado na Rua José Marques Ferreira, 100, Bairro das Malvinas, em Campina Grande. Estão matriculados hoje, na instituição cerca de 900 alunos, sendo que deste total 490 no período noturno.

Quanto a estrutura física, a escola possui 16 salas de aula, 02 salas da diretoria, 01 sala de professores, 01 biblioteca, 01 laboratório de ciências, 01 sala de vídeo, 01 refeitório, 01 sala de pediatria, 01 auditório, 01 sala de pediatria, 18 sanitários, 01 sala de curativo, 01 quadra de esportes, 01 sala de imunização, 01 almoxarifado, 01 sala de farmácia, 01 secretaria, 01 consultório dentário e 01 sala de psicologia.

A estrutura do prédio precisa de alguns reparos, como pudemos perceber a quadra de esportes não está em perfeitas condições; as cercas que rodeiam a escola quase nem existem mais, não há proteção para a área interna do prédio, em outros pontos elas estão cobertas por mato; todas as salas têm goteira; as portas estão sem maçanetas; há uma guarita abandonada sem a menor manutenção. Faltam lâmpadas nas salas de aula entre outros reparos.

Quanto ao quadro de pessoal, o Caic José Joffily possui 29 professores efetivos, 14 professores prestadores de serviços, 04 professores transferidos, 03 Professores pró tempore e auxiliar pró tempore, 04 professores em processo de aposentadoria, 03 professores regentes de ensino, 04 professores com contrato de emergência, 01 funcionário à disposição, 66 prestadores de serviços, 01 agente administrativo, 03 diretores (geral, serviços administrativos e mobilização social) e 07 Coordenadores dos subprogramas.

No que concerne a recursos materiais, a instituição dispõe de 01 vídeo, 03 televisores, 03 aparelhos de DVD, 02 aparelhos de som, 01 retroprojetor, 01 tela de projeção, 01 caixa de som, e 01 microfone.

8.3 A Educomunicação no Discurso dos Agentes Pedagógicos

Durante a pesquisa uma das coisas que nos surpreendeu foi à prática educativa das professoras envolvidas. Estudados os conceitos de educomunicação, como ela se processa no dia-a-dia da vida escolar, os desafios e os progressos nos últimos anos conseguidos a partir do empenho de diversos profissionais da comunicação e educação em conjunto, percebemos que práticas educacionais são realizadas pelas professoras pesquisadas, intuitivamente, na busca de novas saídas para os novos desafios contemporâneos com, inclusive, práticas articuladas, organizadas e sistemáticas.

São diversos os desafios enfrentados por estes profissionais, desde a distância e dificuldade de acesso para se chegar até a escola da cidade de Gado Bravo, por exemplo, até as dificuldades relacionadas ao atraso de alunos por inúmeros e peculiares motivos em um colégio urbano, como o CAIC.

Participaram da nossa pesquisa as professoras:

- **Maria do Socorro de Souza Cordão**, 36 anos de idade e 18 de profissão, com Licenciatura em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, e Especialista em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB. Atualmente professora de Língua Portuguesa em turmas do ensino médio no CAIC José Joffily e professora da mesma disciplina, no nível fundamental, na Escola Municipal Otávio Amorim, ambas as escolas situadas em Campina Grande; e

Professora **Maria da Penha Pereira de Almeida**, 35 anos de idade e 8 de magistério, graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, e especialista em Literatura e Estudos Culturais pela mesma universidade. É professora de Língua Portuguesa em turmas de 2º e 3º ano do ensino médio na Escola Municipal Pe. Godofredo Joosten, na cidade de Gado Bravo e também leciona a mesma disciplina no Colégio Menino Jesus, nos níveis fundamental e médio, na cidade de Queimadas.

Além das professoras, contribuíram também com esta pesquisa outros profissionais da educação que, pelo limite das normas de publicação, não traremos suas contribuições neste trabalho, mas que podem ser consultados na monografia a que se refere este artigo.

Questionada sobre a utilização de recursos midiáticos em sala, a professora Socorro Cordão expressou a seguinte opinião:

“O trabalho com jornal é de fundamental importância, devido ser um veículo de comunicação, que todos têm acesso e qualquer público tem acesso a esse tipo de leitura... se todas as escolas bem entendessem, deveriam fazer esse trabalho, não só em Português... mas, outras disciplinas deveriam interdisciplinar, de alguma forma, pra ver esse jogo de trabalho e enfatizando, sobretudo, os temas atuais, que é o que o jornal apresenta... É muito interessante e não é uma atividade monótona, até porque deixa os alunos bem a vontade pra eles escolherem, produzirem...”

Já a professora Maria da Penha, afirma que:

“Desde que comecei a trabalhar no Ensino Fundamental e Médio que eu uso o jornal. O trabalho com Jornal facilita muito, tanto pra produção de texto, porque eles (os alunos) têm uma base, eles lêem, se informam, para depois dar os depoimentos deles quanto a questão gramatical, porque o texto denotativo, que é o texto de jornal, facilita muito na morfologia da Língua Portuguesa, porque é um texto direto, com uma linguagem objetiva.”

A professora Socorro Cordão trata da interdisciplinariedade, demonstra que realiza as atividades não só com o objetivo de cumprir o planejamento pedagógico da escola, mas contribuindo para o desenvolvimento pessoal de cada aluno. Ela destaca que, *“... aqui nós já fizemos numa sala a parte de produção textual, realmente eles estão aprendendo e o importante é isso. Em sala de aula, para mim, o objetivo é esse: que o aluno aprenda, que ele realmente demonstre o seu potencial, que todos tem potencial, o que falta é o professor estimular a leitura.”*

Para a professora Socorro Cordão diversos aspectos da nossa vida cotidiana sofrem influência das mídias, como ela própria exemplifica a questão da moda, da fala, até mesmo da forma de nos expressar. Afirma que, em tudo, os meios de comunicação tem uma influência, estimulando as pessoas para o que ela descreve como positivo ou negativo.

A professora Maria da Penha, afirma que com a inserção de textos jornalísticos em sala de aula, é possível dizer com certeza que os alunos se tornam mais críticos, porque eles obtêm informação, e, a partir daquela informação conseguem se posicionar, negativamente ou positivamente, conseguem reverter a sua opinião a partir do contato com as informações encontradas nos jornais.

Quanto à aplicação desse tipo de material, Maria da Penha afirma:

“Eu acho que não existe dificuldade, é até uma novidade, você trabalha assim uma coisa inédita, que eles não conhecem, e parece que eles vão com mais sede... eu acho que se tivesse o jornal ainda seria melhor, porque daí eles teriam esse domínio maior da criticidade, da informação, seria muito mais positiva...”

Nenhum dos alunos de ambas as escolas tem assinatura de jornal impresso. Dentre os motivos que justificam o fato é o valor da assinatura e a inacessibilidade, no caso do município de Gado Bravo. ERBOLATO (2002, p. 22) afirma que “para as classes C e mesmo B⁸, é difícil vender a assinatura de um matutino, porque ele representa cerca de 1/3 a 1/5 dos salários médios”. Ora, se temos em nossas escolas públicas grande parte de estudantes de famílias carentes, não é de se estranhar que as necessidades básicas sejam prioritárias dentro do seu orçamento familiar.

Outras carências, se supridas, segundo a professora Maria da Penha, contribuiriam bastante na dinâmica das aulas. Ela afirma que:

“Se fosse do meu alcance eu traria data show, ... porque aqui é meio complicado pra pegar um retroprojeter, é um só pra escola inteira então, quando a gente quer usar tem que fazer um pedido na outra escola para que o instrumento venha pra cá...”

8.4 A Educomunicação no Discurso dos Alunos

Realizamos o nosso trabalho de pesquisa em seis turmas do ensino médio, totalizando 164 alunos pesquisados. Do CAIC José Joffily, em Campina Grande, foram 97 alunos: 2º ano B: 20, 3º ano A: 24, e 3º ano B: 23, e da Escola Municipal Pe. Godofredo Joosten, do município de Gado Bravo, 97: 2º ano C: 47, 3º ano A: 24, e 3º ano B: 26.

Nenhum dos alunos pesquisados possui assinatura de jornal impresso. Diversas foram às dificuldades elencadas que impedem o contato com o jornal impresso. Para aqueles da Escola Municipal Pe. Godofredo Joosten é difícil o acesso a jornal, tendo em vista a cidade ser pequena, e não haver banca de jornal e revistas. Já para os alunos do CAIC José Joffily, o problema é o valor, já que a grande maioria é de baixa renda e tem outras prioridades em seu orçamento.

Reside, neste sentido, a fundamental importância do trabalho desenvolvido pelas educadoras das duas unidades de ensino pesquisadas, por estarem socializando o acesso, e por que não dizer também o direito, à informação. Para todos os alunos envolvidos os meios de informação que têm acesso são a televisão e o rádio, apesar de, na cidade de Gado Bravo, por exemplo, a maioria alegar que só tem acesso às notícias por meio da televisão ou por uma única emissora de rádio, da cidade de Casinha, em Pernambuco.

Neste sentido, GAIA (2001, p. 21), afirma que o habitual, contudo, por parte da sociedade, é valorizar o que está na mídia impressa, por se configurar como uma espécie de documento, relato da história. Para a autora é comum ouvir comentários, até de pessoas teoricamente esclarecidas, do tipo: ‘É verdade! Eu li no jornal!’ A

⁸ “Classe A é aquela família cuja despesa, na satisfação de suas necessidades básicas (alimentação, transporte, vestuário, remédio, higiene e moradia), consome 50% de seu orçamento familiar. Classe B é a que consome 60, 70 e 80% na satisfação de suas necessidades básicas (B-1, B-2 e B-3). Classe C é a que vive rotineiramente, no sistema débito-credenciário. Seu orçamento vai todo para a satisfação das necessidades básicas”. José Itamar de Freiras. “Olha a Paula – Pelé ao Lado da Bomba A”. In *Cadernos de Jornalismo e Comunicação*. N. 4. Setembro de 1968 apud ERBOLATO, Mário L. Técnicas de codificação em jornalismo. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

reflexão sobre a frágil verdade estampada nas manchetes deve ser uma das preocupações dos educadores, uma vez que podem manipular opiniões e desrespeitar a cidadania.

Alguns alunos também destacaram a importância que tem o jornal em sala de aula, para eles, ajuda a desenvolver o seu senso crítico:

“É muito produtivo porque quando se traz na classe a gente pode desenvolver o ‘instinto’ crítico, pode ter uma crítica, envolve toda uma sociedade, a gente aprende aqui e tem o senso crítico pra quando sair pra ver o que tem lá fora, desenvolve muito as nossas opiniões, a gente também abre o olho pra os nossos direitos porque não só está fazendo a atividade como a gente vê os direitos que a gente tem quando sai daqui.” (Renally, 2º B – Pe. Godofredo)

Para a maioria dos alunos a utilização do jornal em sala de aula contribui para trazer as notícias até eles, já que todos os que participaram das atividades não têm acesso ao jornal. Já Railton. Um outro aluno (3º B – Pe. Godofredo), diz que na sua opinião o Jornalismo é uma coisa importante para as pessoas se informarem, e afirma que, quando a professora traz o jornal, as aulas são melhores.

Um dos principais pontos abordados na nossa fundamentação teórica se refere a construção do senso crítico a partir da interação entre comunicação e educação, aqui em nosso trabalho especificamente por meio da utilização do jornal impresso nas atividades de Língua Portuguesa em sala de aula. Para Gaia (2001, p. 25) “A tendência de formação de uma escola cidadã implica, em nosso entendimento, uma proposta para leitura crítica da mídia. [...]” Alguns alunos confirmaram tal contribuição em seus depoimentos:

“Eu achei muito interessante a professora trazer jornal porque desenvolve o nosso senso crítico, a gente consegue ver mais a opinião dos outros e formar a nossa... porque é um material novo e ajuda a incrementar a aula, fica uma aula mais interessante, daí então eu acho muito importante a gente ter a nossa própria opinião, desenvolver o nosso senso crítico pra saber, em diversas situações, nos manter firmes, independentes da opinião dos outros, saber ter a nossa crítica... em qualquer local, em qualquer lugar.” (Isadora, 2º B - Pe. Godofredo)

“Eu acho que esse tipo de trabalho da professora com jornais, ajuda a gente a ter uma opinião formada sobre o mundo, sobre a sociedade, sobre tudo o que está acontecendo na atualidade....” (Janderson, 2º C - Pe. Godofredo)

Além de perceberem a importância de se ter uma opinião pessoal, posição crítica, os alunos também vêm nas atividades um estímulo a transformarem em prática as suas posições de insatisfação com a situação da sua comunidade, participando como cidadão na construção de uma sociedade melhor:

“O jornal, ele deixa claro o que está acontecendo e faz um balanço geral do que está acontecendo e que nós podemos contribuir para termos uma sociedade mais justa e trabalhando todos pra ajudar o Brasil e até o mundo.” (Leogênio, 3º B - Pe. Godofredo)

Percebemos que os alunos não são meros receptores do que os meios de comunicação transmitem. Há neles também uma consciência sobre a influência desses meios de comunicação em suas vidas:

“Deve ser usada, pois de forma literal ele age com a nossa vida, com o decorrer do nosso dia-a-dia, com o nosso modo de pensar, de agir, até ajuda no nosso psicológico, o jornal...” (Elton, 3º B – CAIC José Jofilly)

Fica claro assim a importância da educação no sentido de trazer mais um meio de desconstruir a

alienação por parte dos jovens que se negam espontaneamente a ler o jornal por acharem que é uma leitura tediosa e chata.

8.5 Produção nas Atividades Educomunicativas

A experiência vivenciada nas escolas Pe. Godofredo Joosten e CAIC José Joffily geraram uma série de atividades que serviram de base para o nosso estudo. As professoras lecionam nas escolas quase que diariamente, estando a professora Socorro Cordão, CAIC José Joffily, lecionando nesta unidade de ensino nas segundas, quartas, quintas e sextas-feiras; e a professora Maria da Penha, Escola Pe. Godofredo, com aulas nas segundas, terças, quintas e sextas-feiras. As professoras trouxeram para a sala de aula, para a realização das atividades os jornais *Correio da Paraíba* e *Jornal da Paraíba*, bem como tesoura e papel ofício, fornecidos pela escola.

8.5.1 Atividades realizadas na escola pe. godofredo joosten

A professora Maria da Penha Pereira de Almeida leciona nas turmas 2º C, 3º A e 3º B do Ensino Médio no turno da tarde, da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Pe. Godofredo Joosten. A maioria dos alunos desta escola é adolescente. Em cada uma das turmas foram realizadas diferentes atividades, que transcorreram entre os dias 12 e 15 de maio do corrente ano. A professora dividiu as atividades em três etapas:

A primeira, realizada no 2º ano C, consistia no que a professora identificou de *Interação com o texto jornalístico*, em que os alunos escolheram qualquer tipo de texto que encontrassem no jornal e fizeram uma análise dele, com comentários que achassem pertinentes. **Na segunda**, os alunos do 3º ano B, deveriam fazer a análise morfológica de um fragmento escolhido de qualquer texto do jornal. **A terceira** seria a produção textual, em que os alunos do 3º ano A escreveriam uma notícia relacionada a um tema de livre escolha.

8.5.2 Atividades realizadas no CAIC José Joffily

A professora Maria do Socorro de Souza Cordão leciona a disciplina de Língua Portuguesa nas turmas 2º B, 3º A e 3º B do ensino médio no horário noturno, do CAIC José Joffily. Grande parte dos alunos das turmas é de adultos. As atividades na referida instituição de ensino foram realizadas entre os dias 12 e 28 de maio do corrente ano. A professora utilizou a seguinte metodologia para aplicar aplicá-las:

1ª etapa – Identificação do lead – 2º ano B; 3ºano A e 3º ano B; **2ª etapa – Análise morfológica** –2º ano B; **e análise sintática** – no 3º ano A; **3ª etapa – Produção textual** – 2º ano B; 3ºano A e 3º ano B. Os alunos utilizaram os jornais para recortes apenas na primeira etapa, já que as demais deveriam ser desenvolvidas com base na matéria escolhida.

Acreditamos que, depois de realizado um trabalho educomunicativo por parte das professoras acerca de uma das principais vertentes da educomunicação, que é a **apropriação dos meios**, os problemas abordados pelos alunos poderiam fazer parte desse agendamento midiático, a partir de uma nova etapa do processo de

educação para a mídia, com a segunda principal vertente da educomunicação abordada nesse estudo, que seria a **apropriação dos meios**, pois se firmaria, conforme Lago e Benetti (2007, p. 85)

... a possibilidade de transmutar o público de uma condição de reles massa de manobra à de sujeito capaz de produzir sentidos midiáticos sob um novo primado, o de que numa sociedade democrática e plural há também uma constelação de sujeitos coletivos e de respectivos lugares de fala, mas, não isolados ou encastelados em nichos corporativos, e sim, inter-sujeitos argumentativos, promotores e advogados de direitos e causas.

Percebemos que as dificuldades são bem maiores com relação ao que costumamos comentar ou ouvir quando não estamos perto da realidade. As professoras das escolas públicas do nosso estado que buscam dinamizar a troca de conhecimento através da utilização das mídias são verdadeiras heroínas diante de tantos desafios impostos no dia-a-dia da vida escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lidar com a falta de estrutura física, materiais, condições de trabalho, políticas públicas e apoio institucional, ainda também superar intimidações, violência, sobrecarga de trabalho, é uma constante na vida das professoras aqui estudadas. Percebeu-se que diante da situação elas são mais do que professoras, educadoras que procuram, a partir dos seus esforços pessoais, dinamizar a aprendizagem de alunos que, na maioria das vezes, vêm desestimulados e desacreditados da sua capacidade transformadora e construtora de uma sociedade mais igualitária.

Observou-se também que não se pode isentar o aluno do seu cotidiano de forma a ajudá-lo a perceber o mundo real, uma vez que o contexto midiático também oferece um mundo de fantasia em prol do consumo. Assim, trazer o jornal para sala de aula é uma forma de ajudar o aluno a não apenas consumir a informação, mas discuti-la e percebê-la por diversos ângulos através da interação com os colegas de sala e do professor mediador.

Necessárias se fazem alternativas de educadores de todas as áreas, desde que percebam a contribuição que as mídias, particularmente em nosso estudo a utilização do jornal impresso, na educação podem oferecer, não somente do ponto de vista de conteúdo e programas, mas também do ponto de vista da cidadania. Desejamos que outros se interessem em ampliar essa discussão, este trabalho, em hipótese alguma, se propõe como conclusivo, mas como uma modesta pesquisa para o entendimento desta complexa e frutuosa inter-relação entre comunicação e educação.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- AZEVEDO, Sandra Raquew dos Santos. **Gênero, rádio e educomunicação: caminhos entrelaçados**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB: 2005. p. 116.
- ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Sobre educação: diálogos**. v. 2. Paulo Freire e Sérgio Guimarães. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- GAIA, Rossana Viana. **Educomunicação & Mídias**. Maceió: EDUFAL, 2001. p.148.
- GAIA, Rossana Viana. **Notícias na escola: possibilidades de leituras críticas**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: 2002. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1904/18913>>: Acesso em: abril de 2008.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente**. A teoria das inteligências múltiplas. P.Alegre, Artes Médicas Sul, 1994.

LAGO, Cláudia e BENETTI, Marcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MACHADO, Eliany Salvatierra e ALVES, Patrícia Horta. **NCE: Um projeto de intervenção social**.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1904/16841>>: Acesso em: abril de 2008.

MATTAR NETO, João Augusto. **Metodologia científica na era da informática**. São Paulo: Saraiva, 2003.

SOARES, Ismar de Oliveira. **O Perfil do educador**. Disponível em:

<<http://www.usp.br/nce/aeducacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: abril de 2008.

VIVARTA, Veet. **Remoto controle: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes**. São Paulo: Cortez, 2004.